


## A inclusão da criança com dislexia: uma análise das publicações no banco de dados da SciELO nos últimos vinte anos

### The inclusion of children with dyslexia: an analysis of publications in the Scielo database in the last twenty years

### La inclusión de niños con dislexia: un análisis de las publicaciones en la base de datos Scielo en los últimos veinte años

Brena Andrade Oliveira<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0009-0007-9996-6030>

Bianca dos Santos Gonçalo<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0009-0008-0599-424>

Lilian Moreira Cruz<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-4686-5803>

**Resumo:** A pesquisa analisa publicações da plataforma SciELO, dos últimos vinte anos, sobre a inclusão de crianças com dislexia na educação básica. Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico, estruturado em quatro categorias: conceito de dislexia; atendimento educacional especializado; formação continuada de docentes; e articulação entre ensino regular e salas de recursos multifuncionais. Os resultados indicam avanços na discussão acadêmica, mas revelam desafios persistentes, como a escassez de estudos aprofundados na área educacional. Destacamos a necessidade urgente de formação continuada de professores, para que compreendam as especificidades da dislexia e utilizem estratégias pedagógicas adequadas. Embora as salas de recursos multifuncionais sejam importantes, sua atuação nem sempre é eficaz, apontando para a necessidade de maior articulação com o ensino regular. O estudo reforça que a inclusão de alunos com dislexia é um direito fundamental e defende a implementação de ações concretas para garantir uma educação inclusiva e de qualidade. **Palavras-chave:** Dislexia. Educação Básica. Inclusão.

**Abstract:** The research analyzes publications from the SciELO platform, from the last twenty years, on the inclusion of children with dyslexia in basic education. This is a qualitative and bibliographic study, structured into four categories: concept of dyslexia; specialized educational service; continuing teacher training; and articulation

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Graduanda em Psicologia pela universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: baoliveira.pdg@uesc.br

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: bsgoncalo.pdg@uesc.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UESC. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Paulo Freire (UESC). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil/UESC. Coordenadora do Programa de extensão Coletivo Paulo Freire. E-mail: lmcruz@uesc.br

between regular education and multifunctional resource rooms. The results indicate advances in the academic discussion, but reveal persistent challenges, such as the scarcity of in-depth studies in the educational area. We highlight the urgent need for continued training of teachers, so that they understand the specificities of dyslexia and use appropriate pedagogical strategies. Although multifunctional resource rooms are important, their performance is not always effective, pointing to the need for greater coordination with regular education. The study reinforces that the inclusion of students with dyslexia is a fundamental right and defends the implementation of concrete actions to guarantee inclusive and quality education.

**Keywords:** Dyslexia. Basic Education. Inclusion.

**Resumen:** La investigación analiza publicaciones de la plataforma SciELO, de los últimos veinte años, sobre la inclusión de niños con dislexia en la educación básica. Se trata de un estudio cualitativo y bibliográfico, estructurado en cuatro categorías: concepto de dislexia; servicio educativo especializado; formación continua de docentes; y articulación entre la educación regular y las salas de recursos multifuncionales. Los resultados indican avances en la discusión académica, pero revelan desafíos persistentes, como la falta de estudios en profundidad en el área educativa. Destacamos la urgente necesidad de formación continua de los docentes, para que comprendan las especificidades de la dislexia y utilicen estrategias pedagógicas adecuadas. Aunque las salas de recursos multifuncionales son importantes, su desempeño no siempre es efectivo, lo que apunta a la necesidad de una mayor coordinación con la educación regular. El estudio refuerza que la inclusión del alumnado con dislexia es un derecho fundamental y defiende la implementación de acciones concretas para garantizar una educación inclusiva y de calidad.

**Palabras-clave:** Dislexia. Educación Básica. Inclusión.

## Introdução

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que compromete a capacidade de leitura e escrita, sendo geralmente identificado nos primeiros anos de escolarização. Essa condição pode impactar significativamente a vida escolar e profissional dos indivíduos, exigindo atenção e intervenções adequadas. Importante ressaltar que a dislexia não está relacionada ao nível de inteligência, mas sim às particularidades no processamento da linguagem escrita pelo cérebro, o que dificulta o processo de alfabetização (Oliveira; Lacerda, 2018; Massi; Santana, 2011).

Diante disso, torna-se essencial adotar abordagens pedagógicas específicas para estudantes que apresentem sinais de dislexia, bem como encaminhamentos adequados para diagnóstico profissional (Teles, 2004). Esse cuidado visa potencializar o processo de aprendizagem, assegurando que suas necessidades sejam acolhidas por profissionais capacitados, com o uso de recursos e estratégias inclusivas que favoreçam seu desenvolvimento acadêmico e social.

Neste contexto, é relevante compreender como a produção científica tem abordado a inclusão de crianças com dislexia, com vistas a mapear avanços, desafios e lacunas na área. Com esse propósito, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as publicações da base SciELO sobre a inclusão de crianças com dislexia, ao longo dos últimos vinte anos. São definidos, como objetivos específicos: a) identificar a concepção de dislexia apresentada nas publicações; b) compreender a percepção dos autores sobre a formação continuada de professores para atuação com esse público; e c) analisar como

a inclusão de crianças com dislexia tem sido abordada tanto nas salas de aula regulares quanto nas salas de recursos multifuncionais.

A justificativa para esta investigação reside na necessidade de compreender o panorama das pesquisas acadêmicas voltadas à inclusão de estudantes com dislexia. Observamos uma carência de estudos que explorem práticas pedagógicas eficazes, estratégias inovadoras de intervenção, políticas públicas inclusivas e a necessária articulação entre teoria e prática. Ampliar o conhecimento nesse campo é imprescindível para fortalecer uma educação básica mais inclusiva, equitativa e de qualidade para todas as crianças.

### **Caminho investigativo da pesquisa**

A trajetória metodológica do presente trabalho foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos; buscando entender a complexidade das experiências e percepções humanas. De acordo com Chizzotti (2006, p. 79), "a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito". Ademais, essa abordagem também possibilita para uma visão mais abrangente e humanizada da realidade social, contribuindo de forma significativa nas concepções sobre o assunto estudado neste trabalho.

Pensando em garantir um embasamento teórico e problematização da temática em questão, utilizamos a pesquisa do tipo bibliográfica, sendo realizada a revisão e síntese das publicações no banco de dados da SciELO. Sendo a pesquisa bibliográfica essencial na elaboração deste trabalho científico, pois contribui para a fundamentação teórica do conteúdo, a disseminação do conhecimento e questões de investigação. Desse modo, para Gil (2002, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Para a produção de dados da pesquisa construímos um quadro com os artigos selecionados, a fim de proporcionar um estudo mais aprofundado e uma compreensão mais abrangente dos dados obtidos. Minayo (2014) destaca que este tipo de trabalho é importante para sistematizar e comparar as diferentes abordagens e metodologias, bem como uma boa ferramenta para sistematizar e organizar as literaturas pesquisadas.

Utilizamos análise de conteúdo para tratar os achados da pesquisa, pois é um método de análise fundamental em uma pesquisa bibliográfica, visto que trata de explorar de forma objetiva o conteúdo das publicações a serem analisadas. Conforme afirma Bardin (2009, p. 44) “a análise do conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Portanto, ressaltando a relevância de analisar os materiais a fim de permitir a compreensão dos conhecimentos e extrair dados significativos para a temática abordada.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, os materiais selecionados foram analisados a partir de categorias analíticas previamente definidas: a) Concepção de dislexia, considerando as definições, caracterizações e abordagens teóricas e conceituais adotadas pelos(as) autores(as) nas publicações analisadas; b) Inclusão da criança com dislexia, investigando de que modo os estudos abordam as estratégias e práticas de inclusão escolar e social, bem como os desafios, as barreiras enfrentadas nesse processo e o papel desempenhado pela família, pela escola e por outras instituições; c) Formação continuada docente, examinando se e como essa formação é contemplada nas produções analisadas; e d) Articulação entre o ensino regular e a sala de recursos multifuncionais, analisando de que maneira essa relação tem contribuído para a efetivação da inclusão de crianças com dislexia.

Para a realização da pesquisa, foi efetuada uma busca na base de dados SciELO, utilizando os descritores “Dislexia” e “Inclusão escolar”, com a aplicação dos seguintes filtros: Brasil, Português, Ciências Humanas, Educational e Education. A busca pelo descritor “Dislexia” resultou em nove artigos, enquanto “Inclusão escolar” retornou 224 publicações. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados dez artigos que abordavam diretamente a temática da dislexia no contexto da inclusão escolar, por apresentarem maior alinhamento com os objetivos deste estudo.

Esclarecemos que os critérios de inclusão adotados compreendem artigos publicados entre 2004 e 2019, disponíveis na íntegra na base SciELO, redigidos em língua portuguesa e que tratam explicitamente da dislexia no contexto educacional ou da inclusão escolar. Foram excluídos estudos que abordam exclusivamente outros transtornos de aprendizagem sem relação direta com a dislexia, pesquisas de natureza estritamente clínica sem interface com o campo educacional, publicações duplicadas e trabalhos que não dialogam com os objetivos da pesquisa.

Conforme Marconi e Lakatos (2017, p. 86), “a coleta de dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos”. Com base nesse entendimento, procedeu-se à leitura minuciosa dos artigos selecionados, utilizando quadros analíticos como instrumento para a extração e organização dos dados. Essa etapa demandou rigor metodológico, a fim de assegurar a confiabilidade e a relevância

das informações, possibilitando uma análise sistemática e coerente com os objetivos da investigação, centrada na produção acadêmica sobre a dislexia no repositório SciELO.

### **Apresentação e análise dos dados de pesquisa**

De modo geral, os dados desta pesquisa apontam para refletir que a dislexia é um transtorno de aprendizagem, apesar da relevância de estudo nesse campo ainda ser pouco discutido nos dias atuais. A importância de abordagem dessa temática é inquestionável, uma vez que afeta diretamente a vida de muitas pessoas. Contudo, encontramos uma escassez de informações e pesquisas publicadas sobre o tema. A ideia de que o funcionamento do cérebro em pessoas disléxicas é incomum é refutada por diversos profissionais da saúde, mas esta não está relacionada à falta de conhecimento ou inteligência, mas sim na forma em como o cérebro processa a escrita.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2022, s.p.), a dislexia pode ser compreendida como um “Transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração”, ou seja, não se trata de doença mental, nem visual. A criança disléxica não é doente, nem menos inteligente, nem preguiçosa; apesar de apresentar dificuldades na leitura e escrita, consegue desenvolver as atividades, principalmente no campo da criatividade.

E por isso, esses indivíduos necessitam de intervenções, como acompanhamento com profissionais adequados, e o apoio dos familiares, da escola e da sociedade. Assim, se torna muito importante o papel das instituições no que se refere ao transtorno, uma vez que, como salienta os estudos desenvolvidos por Lima (2013, p. 29), “cabe às escolas, aos professores e ao ensino em geral, adaptar-se para acolher de braços abertos cada disléxico com suas particularidades”, porém não é a realidade encontrada na maioria das escolas do país.

Partindo desse contexto, visando os objetivos da pesquisa, fizemos um levantamento de dados na plataforma SciELO e dividimos em quadro os artigos encontrados. O quadro elaborado possui cinco colunas, cada uma com informações sobre os artigos.

1) Sendo a primeira coluna destinada ao título do artigo, onde é possível encontrar uma pequena descrição do conteúdo abordado. 2) A segunda coluna apresenta os nomes dos respectivos autores de cada publicação, para permitir que seja possível de identificação os responsáveis por cada pesquisa apresentada no quadro. 3) O ano de publicação de cada artigo cabe à terceira coluna, onde fica possibilitado a análise temporal das informações expostas. A apresentação do ano de publicação se torna fundamental para a melhor compreensão da ocorrência de estudos ao longo do tempo. 4) Os objetivos encontrados em cada artigo foram alocados à quarta coluna, onde é possível oferecer uma

visão do foco de cada pesquisa. Essa coluna se mostra necessária para o auxílio em nossa pesquisa, para que se torne evidente os alinhamentos dos artigos com os objetivos da nossa própria pesquisa.

5) E por último, na quinta coluna, a revista pela qual ocorreu a publicação de cada artigo, sendo esse um dado fundamental para a avaliação da credibilidade das fontes utilizadas.

A organização dos dados em quadro permite uma análise com mais eficiência dos artigos encontrados, o que facilita a seleção dos trabalhos que ajudem a alcançar os objetivos estabelecidos em nosso trabalho, sendo um processo metodológico essencial para garantir também a qualidade e relevância dos dados obtidos.

QUADRO I: Dados dos artigos selecionados

(Continua)

<b>Título</b>	<b>Nome do autor(es)</b>	<b>Ano</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Revista</b>
Dislexias adquiridas como referência para a análise das dificuldades de aprendizagem da leitura	Sandra Regina Kirchner Guimarães	2004	Objetivo fornecer elementos de resposta às seguintes questões: - Que procedimentos de leitura os sujeitos pesquisados utilizam preferencialmente: sublexical ou lexical? - Os procedimentos adotados pelos sujeitos com dificuldades na aprendizagem da leitura são diferentes dos procedimentos adotados pelos demais sujeitos?	Educar
Consequências sociais e emocionais da Dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso	Lénia Sofia de Almeida Carvalhais; Carlos Silva	2007	Perceber o processo que decorreu para a identificação da dislexia; observar a reação da família e da própria criança face ao diagnóstico e avaliação da dislexia de desenvolvimento; entender como é viver com dislexia quer na perspectiva da criança quer dos familiares bem como explorar questões sociais e emocionais da dislexia.	Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)
Relação entre habilidades auditivas e fonológicas em crianças com dislexia do desenvolvimento	Simone Aparecida Capellini; Giseli Donadon Germano; Ana Cláudia Vieira Cardoso	2008	Caracterizar o desempenho de escolares com dislexia quanto às habilidades auditivas e de consciência fonológica e relacionar as auditivas e fonológicas nesta população.	Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)
A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades	Giselle Massi; Ana Paula de Oliveira Santana	2011	Propor uma discussão do conceito de dislexia, levando em conta essas duas posições antagônicas: uma da área da saúde e outra da área social. Faremos isso a partir de revisão bibliográfica.	Paidéia

(Conclusão)

Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento	Maria de Lourdes Merighi Tabaquim; Silvani Dauruiz; Shaday M. Prudenciatti; Ana Vera Niquerito	2016	Caracterizar os níveis de informação sobre a dislexia de professores de língua portuguesa em exercício no ensino fundamental de escolas públicas e particulares.	Rev. bras. Estud. pedagog. (online)
As capacidades de linguagem de um aluno “dislético” aprendiz de inglês	Juliana Reichert Assunção Tonelli	2017	Apresentar os resultados de um estudo de caso que investigou as possibilidades de aprendizagem de um aluno (S) aprendiz de inglês diagnosticado “dislético” em grau severo.	Revista Brasileira de Educação
Funções Executivas na Dislexia do Desenvolvimento: Revendo Evidências de Pesquisas	Giovanna Beatriz Kalva Medina; Maria de Fátima Joaquim Minetto; Sandra Regina Kirchner Guimarães	2017	Fazer uma revisão sistemática de literatura a fim de analisar produções científicas que abordam as funções executivas (FE) e a dislexia.	Rev. Bras. Ed. Esp
Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental	Francislaine Flâmia Inácio; Katya Luciane de Oliveira; Maria Luzia Silva Mariano	2017	Averiguar a percepção dos professores acerca dos estilos intelectuais e das estratégias de aprendizagem em alunos do Ensino Fundamental com diagnóstico de Dislexia e TDAH e sem dificuldade escolar.	Psicologia Escolar e Educacional
leitura de estudantes com dislexia do desenvolvimento: impactos de uma intervenção com método fônico Associado à estimulação de funções executivas	Giovanna Beatriz Kalva Medina; Sandra Regina Kirchner Guimarães	2019	Verificar o impacto de uma intervenção envolvendo o método fônico associado à estimulação de FE no desempenho de sete estudantes com dislexia com idade média de 10,7 anos (grupo experimental – GE), em tarefas de funções executivas (FE), consciência fonêmica e leitura.	Revista Brasileira de Educação Especial
De diagnósticos e prognósticos: Laudos na configuração de muitas Experiências de escolarização	Marcos Cezar de Freitas; Eduardo de Campos Garcia	2019	Evidenciar que o tema faz parte daquilo que Wittgenstein (2012) chama-se de “zigue-zague”. Trata-se de uma questão que vai e volta, mostrando-se como nova quando, na realidade, é parte estrutural das narrativas que naturalizam muitas de nossas desigualdades.	Cadernos de Pesquisa

Fonte: Plataforma Scielo

O quadro apresentado evidencia a amplitude temática dos artigos analisados e confirma o caráter multidisciplinar que marca as discussões sobre a dislexia, envolvendo áreas como Psicologia, Pedagogia, Educação Especial e Linguística Aplicada. As investigações dialogam com diferentes perspectivas: desde a caracterização clínica e cognitiva (Capellini; Germano; Cardoso, 2008; Medina; Minetto; Guimarães, 2017; Medina; Guimarães, 2019), passando pelos impactos sociais e emocionais decorrentes do diagnóstico (Carvalhais; Silva, 2007), até a percepção docente e as práticas pedagógicas adotadas no cotidiano escolar (Tabaquim *et al.*, 2016; Inácio; Oliveira; Mariano, 2017). Somam-se ainda estudos que problematizam e desconstruem criticamente o próprio conceito de dislexia (Massi; Santana, 2011; Freitas; Garcia, 2019). Essa diversidade analítica revela o empenho da comunidade acadêmica em compreender o fenômeno sob diferentes prismas (biológico, social, pedagógico e institucional), ampliando a complexidade e a profundidade do debate.

De posse dos dados acima buscamos nos artigos as seguintes categorias: a) Concepção de dislexia presentes nas pesquisas acadêmicas: características, abordagens teóricas e conceituais, b) A formação continuada docente para trabalhar com o público com dislexia, c) A articulação entre o ensino regular e a sala multifuncional; pois essas são interligadas entre si, refletem a necessidade de uma abordagem inclusiva no contexto educacional, consideram as especificidades das crianças com dislexia, e contemplam os objetivos desta pesquisa. É importante salientar que, a primeira categoria foi a mais encontrada nos trabalhos selecionados. A seguir discutimos cada uma delas.

#### **a) Concepção de dislexia presentes nas pesquisas acadêmicas: características, abordagens teóricas e conceituais**

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que tem sido amplamente estudado nas últimas décadas, gerando um campo significativo de pesquisa acadêmica que busca compreender suas características, causas e implicações educacionais. As concepções de dislexia variam entre os pesquisadores, refletindo diferentes abordagens teóricas e modelos conceituais; para tanto foram analisadas nas pesquisas selecionadas essas interpretações.

Os estudos escolhidos, tratam-se de pesquisas qualitativas e quantitativas, em sua maioria no campo da saúde, o que acaba por trazer uma visão mais medicalizada, e limita o campo da nossa pesquisa na perspectiva educacional, buscando expor uma definição para esse transtorno. E este tópico analisa as definições e classificações presentes nestas literaturas, com foco no desempenho escolar dos indivíduos, expondo como essas teorias se complementam ou se contradizem.

Nessa direção, Guimarães (2004) em seu artigo faz uma análise bastante abrangente sobre as particularidades e os aspectos conceituais relacionadas à dislexia, comparando características dos

indivíduos com dislexia do desenvolvimento, que se refere a dificuldades persistentes na aprendizagem da leitura e escrita desde a infância, e a dislexia adquirida, que ocorre devido a danos cerebrais ou condições neurológicas que afetam a capacidade de leitura em indivíduos previamente alfabetizados, contribuindo para a compreensão desse tema.

Uma das contribuições teóricas mais relevantes que a autora traz é proposta por Ellis (1995) sobre a discussão do modelo de reconhecimento de palavras, que sugere que esse envolve múltiplos subsistemas cognitivos que atuam de maneira interdependente. Para ela a dislexia adquirida refere-se a um distúrbio de leitura que afeta adultos que sofreram algum dano cerebral, citado como exemplo um acidente cérebro-vascular.

Assim, em sua pesquisa classifica a dislexia em dois tipos principais: dislexia fonológica, que é caracterizada pela dificuldade em utilizar a rota sublexical, que resulta em problemas significativos na leitura de palavras não familiares e as palavras inventadas; e a dislexia de superfície, onde o indivíduo possui a dificuldade em identificar as palavras através da rota lexical, gerando a erros em palavras diferentes, mas um desempenho relativamente melhor em palavras.

Nos estudos de Carvalhais e Silva (2007), abordam a dislexia do desenvolvimento como uma dificuldade específica de aprendizagem que afeta a leitura e a escrita. Entre as principais características identificadas nos estudos, destaca-se a dificuldade de decodificação, que prejudica significativamente a capacidade de leitura e escrita. A diferença entre dislexia do desenvolvimento e alexia também é outro ponto destacado, uma vez que a alexia é a perda da capacidade de decodificar e compreender a linguagem escrita, antes obtida de uma lesão eles explicam que a alexia é efeito de uma lesão estrutural que compromete o sistema nervoso já funcional, enquanto a dislexia de desenvolvimento é uma perturbação funcional que impede o desenvolvimento normal do sistema fonológico. A escolha da palavra "perturbação" também pode ter implicações. Em contextos psicológicos e médicos, "perturbação" é frequentemente usada para descrever condições que causam disfunção ou desordem, o que pode levar à percepção de que a dislexia é uma condição que deve ser "corrigida". Pois quando o transtorno é rotulado como uma perturbação pode direcionar as estratégias de ensino e suporte para uma perspectiva de "cura" ou "normalização". Ao invés disso poderia utilizar outros termos, que valorizem as habilidades dos disléxicos.

Além disso, os(as) referidos(as) autores(as) trazem de uma forma detalhada as primeiras concepções desse transtorno até as mais atuais, o que faz perceber que não é uma definição consensual, onde há divergentes opiniões a respeito e estudos teóricos diversificados. Trazem em seus estudos que Kussmaul, em 1877, divulgou a primeira definição de dislexia de desenvolvimento referindo-se a um paciente que perdeu a capacidade de ler, apesar de preservar outras habilidades cognitivas, como por exemplo a inteligência, visão e linguagem oral; o que acabou por ser denominada com cegueira

verbal. Nessa direção, Carvalhais e Silva (2007) apontam que em 1896, Pringle Morgan apresenta o termo "cegueira verbal congênita" para descrever um adolescente de 14 anos com dificuldades de leitura e escrita das palavras, mesmo também mantendo habilidade em outras áreas. Por sua vez, Orton, em 1928, denominou essa como "estrefossimbolia", que pouco depois foi alterada para "alexia de desenvolvimento". Após essas pesquisas, a International Dyslexia Association (IDA) define a dislexia de desenvolvimento como:

Um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional e caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, usualmente refletindo insuficientes competências de processamento fonológico. Estas dificuldades são inesperadas em relação à idade e a outras capacidades cognitivas e acadêmicas. A dislexia manifesta-se em múltiplas dificuldades em diferentes formas de linguagem, e inclui juntamente com os problemas de leitura, problemas na aquisição de proficiência na escrita e ortografia. (Tradução a partir de Orton Dyslexia Society Research Committee, 1994 *apud* Carvalhais; Silva, 2007, p. 22).

As teorias sobre as causas da dislexia evoluíram ao longo do tempo, englobando as teorias neurobiológicas, genéticas, cognitivas e ambientais. No primeiro momento, esta era associada a dificuldades de processamento visual, mas estudos mais recentes mostraram que se trata de uma desordem de base neurológica com origem genética, como demonstrado por Fisher e DeFries (2002). Eles encontraram uma alta ocorrência da dislexia entre gêmeos monozigóticos, sugerindo um componente hereditário.

Carvalhais e Silva (2007) apresentam os estudos de Grigorenko e colaboradores (1997), nos quais identificaram os cromossomos 15 e 6 como relacionados a dislexia, o cromossomo 15 associado a dificuldades de leitura global e o cromossomo 6 ao déficit fonológico. No entanto, ao compreender a dislexia como uma desordem do desenvolvimento, cujas manifestações se modificam ao longo do tempo, torna-se evidente a importância dos estudos de caso para a compreensão das vivências singulares de cada indivíduo com dislexia. Ademais, assim como o termo "distúrbio", a utilização da expressão "desordem" pode reforçar uma perspectiva de anormalidade, contribuindo para a estigmatização de pessoas disléxicas como se fossem defeituosas.

Capellini, Germano e Cardoso (2008) discutem o conceito da *World Federation of Neurology* de 1968 sobre a dislexia ser um transtorno de aprendizagem da leitura que ocorre em indivíduos com inteligência normal, sem problemas sensoriais ou neurológicos, e que recebem instrução escolar adequada sendo geralmente associada a perturbações em habilidades cognitivas fundamentais, em sua maioria de surgimento constitucional.

Os autores abordam teorias nos últimos quarenta anos, que a hipótese do déficit fonológico tem sido discutida como um dos fatores que contribuem para a dislexia do desenvolvimento, apontando que crianças com esse transtorno demonstram ter dificuldades na conversão de grafemas-

fonemas, como por exemplo na leitura de palavras inventadas ou diferenciadas, assim como mencionam Bradley e Bryant (1983) *et al.*

Outro ponto destacado são as dificuldades iniciais observadas em crianças disléxicas, que surgem na decodificação fonografêmica, que envolve a associação entre sinais gráficos e sequências fonológicas. Essas crianças têm problemas em perceber fonemas acusticamente semelhantes, o que é essencial para a percepção da fala, já enquanto bons leitores conseguem categorizar e armazenar representações fonológicas na memória, as crianças disléxicas frequentemente falham neste aspecto, o que afeta sua capacidade de identificar e discriminar fonemas.

A discussão sobre o processamento auditivo e sua relação com a discriminação fonológica é pertinente. Sendo o processamento auditivo fundamental para a discriminação, memória e percepção de sons, uma vez que a discriminação auditiva permite agrupar sons semelhantes, enquanto a memória auditiva armazena informações sonoras. Já as crianças disléxicas, devido aos déficits no processamento temporal acústico, enfrentam dificuldades que comprometem a conversão letra-som, essencial para a leitura e escrita em um sistema alfabético.

O estudo realizado por eles trata-se de uma pesquisa realizada na rede pública no município de São Paulo, dividida por grupos, onde os estudantes passaram por avaliação fonoaudiológica, e os seguintes sinais de dislexia foram: transtorno fonológico na leitura, escrita e na fala, divergências em habilidades fonológicas e silábicas, e presença hereditária da dislexia na família, e foram considerados disléxicos quando demonstravam alteração no equilíbrio estático, coordenação apendicular, equilíbrio dinâmico, coordenação tronco-membro, sensibilidade no exame neurológico evolutivo, persistência motora, diferença entre coeficiente intelectual verbal e execução na avaliação psicológica, mudanças relacionadas à memória, alteração em provas de consciência fonológica, nível de leitura alfabético, velocidade na leitura oral abaixo do que se espera para a idade e escolaridade, transtorno fonológico evidenciado na avaliação fonológica, na leitura oral e de textos e na leitura oral de palavras isoladas e na escrita sob ditado de palavras e pseudopalavras e na redação temática, e compreensão parcial do texto lido; tendo como método de avaliação o Exame Neurológico Evolutivo – ENE.

Os resultados desse estudo apontaram que os estudantes com dislexia do desenvolvimento demonstram dificuldades em lidar com informações fonológicas na memória, necessárias para a aprendizagem da leitura, e apresentaram uma relevante dificuldade para a execução da correlação fonema-grafema; dificuldade de categorização do fonema, menor desempenho na tarefa de dicótico de dígito, observou-se também melhor desempenho na habilidade silábica do que nas fonêmicas, expondo que a dificuldade em estruturas fonêmicas não é somente característica dos alunos com dislexia, mas uma alteração que ocorre na base do sistema de escrita da língua portuguesa.

Sendo assim, esse estudo contribui significativamente para a compreensão da dislexia do desenvolvimento, que considera os diversos aspectos da dislexia e suas dificuldades, bem como evitando reducionismos que possam prejudicar a identificação e o suporte adequado a esses alunos. Assim como os demais autores, Massi e Santana (2011) enfatizam que a dislexia é uma dificuldade específica no processo de leitura e escrita, apontada por algumas características como trocas, junções, omissões e aglutinação dos grafemas; confusão fonológica; e dificuldades nas segmentações das palavras. A autora apresenta que as crianças disléxicas geralmente possuem uma dificuldade na troca das letras, e cita como exemplo a troca de “Mato” por “Nato”, a exclusão de letras ou sílabas, exemplo “entrando” por “encontrando” e adições como “muimto” por “muito”; bem como a junção de uma ou de mais palavras e a segmentação inadequada dessas.

Dessa forma, como já mencionado esses dados são extraídos através de estudos na área da saúde, o que acaba por compreender esses fatores linguísticos da dislexia como sintomas de origem patológica que estão podem estar relacionados a diferenças estruturais e funcionais no cérebro, como é apontado pela autora, utilizando embasamento teórico em Capovilla (2004), Ianhez e Nico (2002), Santos (1987), entre outros.

Em confluência com essa discussão, Capellini, Germano e Cardoso (2008) fazem uma crítica à ideia de atribuir a dislexia à patologização e à medicalização das dificuldades de aprendizagem. A busca por explicações genéticas e neurológicas pode vendar fatores sociais e individuais que também influenciam o aprendizado, reforçando uma visão determinista, ignorando as particularidades e desigualdades sociais que afetam o desempenho nesse contexto escolar.

Os autores Tabaquim *et al.* (2016) iniciam com a concepção da International Dyslexia Association de que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem, que nasce no meio constitucional, marcado por dificuldades na decodificação de palavras simples e gerado por meio do déficit no processamento fonológico. Retratando que no contexto escolar o estudante inicialmente demonstra problemas de compreensão dos sons, e produção, no reconhecimento e entendimento de algumas palavras; estabelecendo um entendimento de como a dislexia se manifesta nas crianças, com inclusão de referências como Santos e Navas (2002) e Ouellette e Tims (2014).

Essa pesquisa traz em seu cerne a Classificação Internacional de Doenças – 10ª edição (CID-10) e os critérios diagnósticos como dificuldades na escrita e na leitura, ausência de alterações sensoriais, e outros problemas neurológicos e psiquiátricos, fornecem um contexto médico e científico, ressaltando que a dislexia não é um reflexo de problemas generalizados na linguagem, mas sim uma deficiência específica do módulo fonológico.

A visão da dislexia como produto de interação entre os fatores biológicos, cognitivos e ambientais também é um assunto discutido por eles, visando entender a complexidade do transtorno

e sugerir intervenções que englobam desde o aspecto genético até o escolar e familiar. Neste aspecto, abordam as visões incorretas que os pais e os professores apresentam sobre esses estudantes, com o mito de que os mesmos são desinteressados. E esse destaque torna-se fundamental analisar, pois enfatiza as causas que isso gera na vida do aluno, por exemplo problema de autoestima, e conscientiza para os estigmas que estão enraizados na sociedade para com a dislexia, assim como é apontado por Massi e Santana (2011).

De partida, esse estudo trata-se de uma pesquisa quantitativa, de campo, com professores de língua portuguesa da 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> série, investigando a dislexia a partir do protocolo de investigação sobre a dislexia. Os dados revelaram que uma parte considerável dos professores atribui a dislexia a fatores emocionais (73,2%) e desmotivação (37,6%), uma compreensão que pode ser considerada problemática, pois descarta a base neurobiológica, acarretando em estigmas a esse público. A alta porcentagem de professores que acredita que disléxicos apresentam inteligência média (83%) é um ponto “positivo”, pois revela uma visão mais adequada do potencial dos alunos.

Os resultados deste trabalho demonstram também que muitos docentes identificam as dificuldades específicas enfrentadas por alunos disléxicos, como a confusão na lateralidade e demora no processamento. Todavia, a falta de conhecimento sobre como essas dificuldades se apresentam em diferentes contextos de aprendizagem recomenda-se uma melhora na formação docente para essas questões a respeito do transtorno.

A esse respeito, a análise aponta que apesar de ter uma quantidade considerável de docentes que possuem noções básicas sobre a “Síndrome” da dislexia, muitos não conseguem identificar corretamente os sintomas e as necessidades individuais dos estudantes. Esse termo “síndrome”, contudo, geralmente se refere a um conjunto de sintomas que ocorrem juntos e caracterizam uma condição específica, o que pode reforçar uma visão medicalizada. A dislexia, por outro lado, é mais bem definida como uma dificuldade específica de aprendizagem, e esta afirmação pode criar confusão sobre a natureza dela.

Ainda com confluência com esse processo, Medina, Mineto e Guimarães (2017) apresenta uma perspectiva da dislexia do desenvolvimento como distúrbio de reconhecimento de palavras, e poucas habilidades com raízes neurológicas. Sendo descrita como um transtorno que não afeta não somente a linguagem, mas a orientação e coordenação motora também; que não são atribuídas a déficits. Os autores ressaltam que a dislexia se revela de maneiras distintas entre os indivíduos, refletindo a diversidade das dificuldades enfrentadas por cada um, ressaltando que essa não deve ser vista como homogênea, assim como já enfatizado em sua primeira pesquisa; mas sim como indícios de dificuldades que podem incluir problemas com a memória, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.

Evidentemente, nesse contexto, exploram a relação entre funções executivas e dislexia, destacando que as funções executivas são essenciais para o desenvolvimento da leitura, pois envolvem processos cognitivos de alto nível que permitem a organização, planejamento e monitoramento das atividades de leitura. Desse ponto de vista, mencionam também que as abordagens teóricas da dislexia têm avançado, incorporando não apenas aspectos linguísticos, mas também cognitivos e neuropsicológicos, gerando uma mudança no entendimento desse transtorno, como um fator complexo e que exige intervenções multidisciplinares. O que nos faz ponderar sobre o quanto é essencial mais pesquisas a respeito da temática, sendo essencial para continuar a relação entre os aspectos linguísticos, cognitivos e motores da dislexia.

As investigações de Inácio, Oliveira e Mariano (2017) trazem uma concepção mais atual da dislexia, apontando-a como um transtorno específico de aprendizagem com dificuldades na leitura, caracterizado por desafios no reconhecimento de palavras, decodificação e compreensão na leitura. Esse estudo não aborda de forma expansiva o conceito de dislexia, suas características e abordagens pois é fomentado em uma pesquisa sobre os estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem para os estudantes com dislexia, TDAH e demais sem dificuldades escolares; fundamentando que esses alunos tendem a apresentar dificuldades nesses campos por isso a necessidade de conhecimento do professor a respeito. Partindo disso, as autoras realizaram uma coleta de dados, o que revelou nos resultados que a maioria dos docentes tem um entendimento atual da dislexia e a reconhecem como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, mas em consonância com Tabaquim *et al.* (2016) elas afirmam que há uma necessidade de investimento na formação para que os professores melhorem o desempenho escolar dos alunos diagnosticados e para evitar a patologização das dificuldades de aprendizagem.

É importante destacar que, Tonelli (2017) retrata a dislexia como uma “crítica” em relação à visão tradicional que a define como um distúrbio de aprendizagem, contradizendo essa ideia a autora argumenta que essa abordagem simplista desconhece as capacidades linguísticas e o potencial de aprendizagem do aluno. Ela considera que o diagnóstico desses transtornos, especialmente em graus severos, tende a ser precipitado; em que utiliza dos estudos de Collares e Moyses (1986) para tal afirmação. Dessa maneira, é visto como uma dificuldade específica na leitura e escrita, relacionada a problemas na identificação de símbolos gráficos, fundamentado nos autores Capellini e Navas (2009), Pumfrey e Reason (1998). Para tanto, essa abordagem promove uma imagem mais positiva, reconhecendo que todos os alunos têm potencialidades que podem ser exploradas, principalmente em aprender outro idioma como é analisado por ela.

Nessa vertente, a autora propõe que as dificuldades observadas não são vindas de uma patologia, mas reflexos de um processo de aquisição de uma nova língua, no caso a inglesa, onde o

aluno pode demonstrar suas capacidades linguísticas. Desse modo, defendendo que a dislexia não deve ser vista como um rótulo que limita o estudante, mas sim como um ponto de partida para entender suas necessidades e suas potencialidades. E essa valorização das capacidades, em vez de apenas focar nas dificuldades, pode levar a práticas pedagógicas mais adequadas e eficazes. Isso pode resultar em um ambiente de aprendizagem mais motivador e engajador.

Para finalizar o balanço das produções, ainda, pontuamos que o artigo de Freitas e Garcia (2019), que por ser voltado para laudos médicos na perspectiva da escolarização, ou seja, analisando o papel dos deles na educação, e no fracasso escolar, principalmente em relação a crianças com dislexia ou transtorno do déficit de atenção e hiperatividade; eles não abrangem tanto o conceito de dislexia, mas enfatiza que são frequentemente utilizados para explicar o insucesso escolar. O que nos leva a refletir na pesquisa de Massi e Santana (2011), Inácio, Oliveira e Mariano (2017), especialmente quando se referem aos conceitos de patologização e medicalização relacionados à dislexia, para justificar práticas de segregação e estigmatização no ambiente escolar.

Seguindo nesse caminho, Freitas e Garcia (2019) fazem uma crítica a tentativa de reduzir os problemas na educação a dificuldades individuais dos estudantes, como por exemplo a dislexia, desconsiderando as condições sociais e contextuais que podem, e acabam por influenciar o desempenho escolar; assim como também é pontuado por Massi e Santana (2011). De modo que, destacam a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva, que não se baseie apenas em diagnósticos médicos, mas que leve em conta as diversas experiências de escolarização.

Partindo da definição da dislexia como um distúrbio, é válido ressaltar que esta carrega uma conotação negativa, pois sugere a uma condição anormal ou disfuncional, e conseqüentemente passando a ideia de doença. Quando a dislexia não é um defeito, nem sequer doença, e ao nomeá-la assim influencia a forma como a dislexia é percebida e abordada na sociedade.

Dentre as discussões apresentadas nas pesquisas denota-se a complexidade da dislexia, e abrange suas dimensões cognitivas, linguísticas e sociais. Sob tal prisma, as contribuições de diversos autores, como Guimarães (2004), Tabaquim *et al.* (2016), Massi e Santana (2011), enfatizam a importância de distinguir entre dislexia do desenvolvimento e dislexia adquirida, além de criticar a tendência de patologizar as dificuldades de aprendizagem; o que pode levar à marginalização dos alunos disléxicos, afetando-o em diversos aspectos. Contudo, outra questão para objeto de análise é a necessidade de uma abordagem inclusiva e respeitosa, principalmente nos termos para se referir ao transtorno, destacando a necessidade de valorizar as potencialidades dos alunos em vez de focar apenas nas suas dificuldades.

## **b) A formação continuada docente para trabalhar com o público com dislexia**

A formação continuada dos docentes para trabalhar com alunos disléxicos é um tema fundamental no contexto educacional, especialmente em ambientes inclusivos. É essencial que os/as professores/as estejam preparados para atender às diferentes demandas de aprendizagem, e para isso, precisam ter uma compreensão profunda das características da dislexia e saber aplicar estratégias pedagógicas adequadas que auxiliem no aprendizado desses alunos. Pesquisas apontam lacunas na formação dos professores e identificam oportunidades para melhorias significativas nesse campo.

A pesquisa de Carvalhais e Silva (2007) destaca um ponto importante: muitos professores não possuem a capacitação necessária para identificar as dificuldades de leitura e escrita que frequentemente acometem os alunos com dislexia. Embora muitos docentes reconheçam os sinais do transtorno, a falta de formação aprofundada os impede de agir de forma eficaz, o que pode resultar em ambientes discriminatórios ou humilhantes para os alunos. Isso revela um problema estrutural na formação inicial dos professores, que geralmente não aborda adequadamente questões relacionadas à dislexia, deixando-os despreparados para lidar com a complexidade desse transtorno em sala de aula.

Essa perspectiva é reforçada pelos estudos de Tabaquim *et al.* (2016), que indicam que muitos professores de língua portuguesa do ensino fundamental possuem pouca informação sobre a dislexia, especialmente no que se refere aos aspectos etiológicos e neurobiológicos. Embora sejam os primeiros a observar as dificuldades enfrentadas pelas crianças disléxicas, a capacidade de intervenção dos professores é limitada justamente pela falta de conhecimento. Muitos desconhecem os fatores genéticos e neurológicos associados à dislexia, o que compromete a identificação dos sinais e a adoção de medidas adequadas.

O desconhecimento sobre o transtorno cria barreiras para a implementação de metodologias inclusivas. Observa-se uma educação que frequentemente negligencia as necessidades específicas dos alunos com dislexia. Nesse cenário, a formação continuada é apresentada como uma solução urgente. Tabaquim *et al.* (2016) defendem que, embora a formação inicial seja fundamental, ela não é suficiente para preparar os professores para lidar com a dislexia. A formação continuada é indispensável para que os docentes estejam constantemente atualizados e capacitados para identificar os sinais da dislexia e aplicar as estratégias pedagógicas mais eficazes. Essa perspectiva também é discutida por Inácio, Oliveira e Mariano (2017), que ressaltam a importância de estratégias específicas para o trabalho com alunos disléxicos.

A pesquisa de Inácio, Oliveira e Mariano (2017) revela que, embora muitos professores já tenham tido contato com alunos disléxicos, a falta de conhecimentos e estratégias específicas prejudica a prática pedagógica. Nesse contexto, a formação continuada possibilita uma compreensão mais ampla dos métodos de aprendizagem e das dificuldades cognitivas envolvidas na dislexia, permitindo intervenções mais eficazes e personalizadas para cada aluno.

Apesar de a formação continuada ser amplamente reconhecida como uma solução necessária, sua implementação ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao suporte institucional e às políticas públicas. Inácio, Oliveira e Mariano (2017) criticam a ausência de iniciativas voltadas à capacitação de professores para o atendimento de alunos disléxicos. Sem uma estrutura política e administrativa que financie e incentive essa formação, a responsabilidade recai exclusivamente sobre os docentes, que precisam buscar, por conta própria, os meios para se aperfeiçoar. Nesse sentido, a formação continuada deve ser vista não apenas como uma responsabilidade individual, mas também como uma questão de política pública. Tabaquim *et al.* (2016) enfatizam que é essencial a criação de políticas públicas que promovam o acesso à formação continuada, assegurando que todos os professores, independentemente de sua localização ou condição financeira, possam se capacitar para atender às necessidades de seus alunos.

As pesquisas analisadas convergem para uma conclusão clara: a formação continuada é indispensável para que os professores possam atender adequadamente os/as alunos/as com dislexia. Os desafios enfrentados por esses alunos exigem estratégias pedagógicas que vão além do ensino convencional, e é fundamental que os professores, com o apoio institucional e políticas públicas, desenvolvam as habilidades necessárias para intervir nas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos/as estudantes. A falta de formação adequada e de políticas públicas eficazes revela uma lacuna significativa que precisa ser preenchida para que a inclusão seja plenamente alcançada. Investir na formação continuada dos professores é garantir uma educação mais inclusiva, igualitária e capaz de atender às necessidades de todos os alunos, especialmente os que enfrentam desafios como a dislexia.

### **c) A articulação entre o ensino regular e a sala multifuncional**

A articulação entre o ensino regular e a sala multifuncional é cada vez mais discutida dentro da educação inclusiva, principalmente em relação ao atendimento de alunos com dificuldades de aprendizagem, como a dislexia. O ensino busca não apenas incluir esses alunos na escola regular, mas também garantir que eles tenham um suporte especializado de acordo com suas necessidades e que respeitem seu ritmo de aprendizagem. As salas multifuncionais, também popularmente conhecidas como sala de recursos, tem como seu objetivo oferecer esse suporte adicional, em vista de complementar o ensino regular contribuindo para um melhor desenvolvimento dos alunos. Porém, vale ressaltar que alguns estudos mostram que essa articulação nem sempre é realizada de maneira ideal, existindo lacunas que acabam comprometendo a eficácia do atendimento.

A pesquisa de Guimarães e Medina (2019) nos trazem importantes contribuições sobre a questão da articulação entre o ensino regular e a sala de recursos multifuncionais, analisando o desempenho de três grupos de alunos: um grupo que frequentava a sala de recursos e apresentavam

dificuldades na leitura (grupo 01), um grupo de alunos da 1ª série com o mesmo nível de leitura do grupo 01 (grupo 02) e o último grupo composto por alunos do ensino regular, com a mesma idade do grupo 01, mas sem dificuldades na leitura (grupo 03). Os resultados alcançados da referida pesquisa sugeriram que, por mais que os alunos do grupo 01 recebessem o suporte das salas de recurso, seu desempenho na leitura foi inferior ao dos alunos do grupo 03, que eram exclusivos do ensino regular.

Assim, notamos a real eficácia das salas de recursos multifuncionais. Mesmo sendo salas projetadas para oferecer um melhor atendimento especializado, os alunos que frequentam enfrentam desafios significativos no desenvolvimento das habilidades de leitura.

O estudo realizado por Guimarães levanta a sugestão de que a articulação entre o ensino regular e as salas multifuncionais não está sendo realizada de maneira satisfatória e eficiente, a diferença de desempenho entre os alunos do ensino regular e aqueles que recebem o apoio da sala de recursos ainda é considerável. Esse dado levanta questões sobre o quão preparadas as salas multifuncionais estão, para atender às necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Sendo a intenção dessas salas em proporcionar um suporte adicional e individual aos alunos que necessitam, a pesquisa de Guimarães sugere que a mediação fundamental para a leitura, ainda é insuficiente dentro das salas de recursos multifuncionais. O que aponta para a necessidade de um ajuste nas estratégias utilizadas dentro desses ambientes, que complementem adequadamente e efetivamente o trabalho realizado na sala regular.

O estudo realizado por Carvalhais e Silva (2007) toca também em questões que se relacionam às práticas pedagógicas dentro da educação especial, mencionando que ter um suporte educacional especializado é crucial para os alunos com necessidades educacionais especiais. No entanto, não é especificado se esse suporte se refere diretamente às salas de recursos ou algum outro tipo de ensino de apoio. Mesmo assim, o artigo vê a necessidade de um acompanhamento para esses alunos, reforçando a ideia de que a educação especial deve estar presente na rotina escolar dos alunos. Sendo assim, esse se torna um ponto totalmente relevante, pois, sem uma definição do tipo de suporte que os alunos devem receber, a prática da educação pode se tornar defasada.

A falta de uma definição que seja precisa e uma articulação eficaz pode resultar em uma sobrecarga para os alunos e também para os professores, por não conseguirem corresponder adequadamente às necessidades de cada aluno. Em outra perspectiva, Inácio, Oliveira e Mariano (2017) destacam a importância da participação entre a sala regular e a sala multifuncional. É defendido pelas autoras que essa parceria é fundamental para que ocorra o desenvolvimento de estratégias pedagógicas eficazes, tanto no acompanhamento individualizado, quanto na elaboração de atividades que acompanhem o ritmo de cada aluno. Entretanto, a pesquisa revela um problema importante: enquanto os professores das salas de recurso demonstraram maior interesse em responder a pesquisa e buscar

novas alternativas para auxiliar seus alunos, os professores do ensino regular alegavam não terem tempo para um envolvimento mais aprofundado nessas questões.

É importante destacar que essa diferença reflete a desconexão entre esses ambientes de ensino. Enquanto os professores das salas de recurso multifuncionais estão diretamente envolvidos dentro do processo de ensino e de criação de estratégias, os professores do ensino regular se vêem sobrecarregados com as demandas diárias da sala de aula, não conseguindo dedicar tempo para colaborar com a educação especial. Essa desarticulação cria uma barreira de impedimento significativo para a efetivação da articulação entre o ensino regular e o atendimento especializado, comprometendo o atendimento do aluno.

Diante do exposto, fica claro que, apesar da intenção das salas de recurso multifuncional em complementar o ensino regular e oferecer um suporte aos alunos com dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, a articulação entre esses dois espaços ainda apresenta desafios. A pesquisa de Guimarães (2004) mostra que alunos que recebem o apoio das salas de recursos continuam apresentando dificuldades na leitura quando comparados aos alunos do ensino regular, levantando questionamentos sobre a real eficácia das estratégias abordadas nesses ambientes. A parceria entre as salas de recursos e o ensino regular se mostra crucial para garantir que os alunos recebam o suporte necessário para desenvolverem o seu potencial, para que as barreiras sejam superadas e a educação inclusiva se torne verdadeiramente eficaz.

### **Considerações finais**

O levantamento e a análise das produções científicas evidenciam avanços conceituais relevantes, mas também revelam lacunas importantes, sobretudo no que se refere à articulação entre políticas públicas, formação docente e práticas pedagógicas. Observamos que a inclusão de crianças com dislexia ainda ocorre de forma desigual, muitas vezes limitada por abordagens medicalizantes e pela fragilidade da formação continuada dos professores.

Os achados reforçam a necessidade de investimentos estruturais em políticas educacionais que promovam a formação docente contínua, o fortalecimento do atendimento educacional especializado articulado ao ensino regular e a adoção de estratégias pedagógicas flexíveis. A inclusão efetiva de estudantes com dislexia demanda ações concretas, colaborativas e sustentadas por uma concepção de educação que reconheça a diversidade como princípio, e não como exceção.

Para fortalecer uma educação realmente inclusiva, é urgente ampliar o investimento em formações docentes críticas e práticas, fomentar pesquisas que articulem escola, família e políticas públicas, e reconhecer a dislexia como parte da diversidade humana, e não como limitação.

Apesar da diversidade temática, o levantamento também evidencia lacunas significativas: a) pouca atenção à interface entre salas de aula regulares e salas de recursos multifuncionais; b) raras investigações que articulem políticas públicas, legislação educacional e práticas escolares concretas; c) ausência de estudos com recortes territoriais mais amplos ou populações escolares de diferentes regiões brasileiras.

Entre os principais resultados, destacamos a necessidade de maior interesse acadêmico pela temática no campo das ciências humanas e educacionais, a fim de ampliar as publicações científicas sobre dislexia e inclusão. Também observamos a urgência de ações concretas para promover a inclusão efetiva de alunos com dislexia no ambiente escolar, já que ainda há muitos obstáculos nas práticas pedagógicas. A dislexia, enquanto transtorno de aprendizagem, apresenta desafios que vão além das dificuldades de leitura e escrita, incluindo problemas de autoestima e motivação devido a rótulos sociais historicamente aplicados.

As pesquisas revelaram que, apesar de algumas concepções ultrapassadas sobre o que caracteriza a dislexia, ela é amplamente descrita como uma dificuldade de leitura e escrita não atribuída a fatores intelectuais. Essa definição, reforçada por diversos autores, aponta para a natureza neurobiológica da dislexia, que afeta o processamento da linguagem. Além disso, notamos que, embora muitos docentes consigam identificar a dislexia, a falta de formação continuada limita sua capacidade de intervir eficazmente. A formação continuada é uma ferramenta essencial para que os professores compreendam as características da dislexia e apliquem estratégias adequadas que auxiliem no desenvolvimento dos alunos.

Contudo, a falta de políticas públicas que financiem essa formação continua a ser um grande obstáculo. Muitos professores não têm acesso a cursos ou treinamentos que os capacitem para lidar com a dislexia em sala de aula, resultando em ambientes educacionais que ainda falham em ser inclusivos. A formação continuada é indispensável para a construção de uma educação inclusiva, mas precisa ser acessível e adequada às realidades dos professores para que tenha um impacto significativo no aprendizado dos alunos com dislexia.

Quanto à articulação entre o ensino regular e as salas de recursos multifuncionais, foram identificados diversos desafios na implementação desse trabalho colaborativo. Embora as salas multifuncionais ofereçam suporte adicional, os resultados nem sempre são satisfatórios. As análises mostraram que, mesmo com o atendimento especializado, os alunos com dislexia apresentam desempenho inferior ao dos alunos do ensino regular. Isso sugere que as estratégias aplicadas nas salas de recursos nem sempre são eficazes para auxiliar esses alunos em sua aprendizagem.

Além disso, muitos professores do ensino regular não conseguem se envolver de maneira plena com o trabalho realizado nas salas multifuncionais, devido à sobrecarga de trabalho, condições

infraestruturais e à falta de tempo para colaborar com os professores especializados. Essa falta de interação afeta o acompanhamento e a evolução dos alunos com dislexia. Uma maior cooperação e comunicação entre o ensino regular e as salas de recursos é essencial para garantir que esses alunos recebam uma educação adequada e inclusiva. As salas de recursos representam avanços evidenciados nos estudos, entretanto, sua eficácia depende de ajustes nas práticas pedagógicas e de uma parceria efetiva com o ensino regular.

Posto isso, observamos frente os achados dessa pesquisa que é imprescindível o fortalecimento de políticas públicas que assegurem a formação continuada docente, a ampliação do atendimento educacional especializado articulado ao ensino regular e a construção de práticas pedagógicas inclusivas que valorizem as potencialidades dos estudantes com dislexia. Estratégias como adaptação curricular, flexibilização de avaliações, uso de metodologias ativas e trabalho colaborativo entre professores da sala comum e da sala de recursos multifuncionais emergem como ações concretas para efetivar a inclusão.

Nessa direção, a inclusão de alunos com dislexia deve ser vista como um direito fundamental e essencial para garantir uma educação democrática, equitativa e de qualidade. É necessário que a sociedade, as instituições educacionais e as políticas públicas promovam um ambiente escolar que valorize a diversidade e atenda às necessidades específicas desses/as estudantes. É por meio de ações concretas que será possível assegurar que todos os estudantes, especialmente aqueles que enfrentam desafios como a dislexia, tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver em um ambiente verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

## Referências

ABD. **Associação Brasileira de Dislexia**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRADLEY, L.; BRYANT, P. E. **Categorising sounds and learning to read a causal connection**. Nature, 1983.

CAPELLINI, S. A.; GERMANO, G. D.; CARDOSO, A. C. V. Relação entre habilidades auditivas e fonológicas em crianças com dislexia do desenvolvimento. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 235-251, jun. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100016>.

CAPELLINI, S. A.; NAVAS, A. L. G. P. Questões e desafios na área da aprendizagem de leitura e escrita. In: ZORZI, J.; CAPELLINI, S. (Orgs.). **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem**. São José dos Campos: Pulso, 2009.

- CAPOVILLA, F. C. Processamento auditivo central: Demonstrando uma validade de uma bateria de triagem para crianças de 6 a 11 anos. In: CAPOVILLA F. C. (Org.), **Neuropsicologia e aprendizagem: Uma abordagem multidisciplinar**, 2. ed. São Paulo: Memnon, 20054
- CARVALHAIS, L. S. de A.; SILVA, C. Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 21-29, jan. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100003>.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Educação ou saúde? Educação x saúde? Educação e saúde!** Cadernos CEDES, Campinas: CEDES, n. 15, p. 7-16, 1986.
- ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia: uma abordagem cognitiva**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FISHER, S.; DEFRIES, J. **Developmental Dyslexia: Genetic Dissection of a Complex Cognitive Trait**. Nature Reviews/Neuroscience, 2002.
- FREITAS, M. C. de; GARCIA, E. de C. De diagnósticos e prognósticos: laudos na configuração de muitas experiências de escolarização. **Caderno de Pesquisa**, v. 49, n. 173, p. 316-340, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053146328> .
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, S. R. K. Dislexias adquiridas como referência para análise das dificuldades de aprendizagem de leitura. **Educar**, Curitiba, UFPR, n. 23, p. 285-306, 2004.
- INÁCIO, F. F.; OLIVEIRA, K. L. de; MARIANO, M. L. S. **Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental**. *Psicologia Escolar e Educacional*,
- LANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Alegro, 2002.
- LIMA, L. B. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo de caso**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MASSI, G.; SANTANA, A. P. de O. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 21, n. 50, p. 403-411, set. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300013>.
- MEDINA, G. B. K.; GUIMARÃES, S. R. K. Leitura de estudantes com dislexia do desenvolvimento: impactos de uma intervenção com método fônico associado à estimulação de funções executivas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.25, n.1, p.155-174, Jan.-Mar., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/xW4wdxTT9VwRnYjkJvqDqYJ/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MEDINA, G. B. K.; MINETTO, M. de F. J.; GUIMARÃES, S. R. K. Funções Executivas na Dislexia do Desenvolvimento: Revendo Evidências de Pesquisas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 3, p. 439-454, jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000300009> .

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, P. de; LACERDA, C. B. F. A trajetória histórica dos estudos e pesquisas sobre a dislexia: a busca pela compreensão do fenômeno. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 791-801, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i4p791-801> .

OUELLETTE, G.; TIMS, T. The write way to spell: printing vs. typing effects on orthographic learning. **Frontiers in Psychology**, v. 5, n. 117, p. 1-10, feb. 2014.

PUMFREY, P.; REASON, R. **Specific learning difficulties (dyslexia)**: challenges and responses. 8. ed. London: Nelson Publishing, 1998.

SANTOS, C. C. **Dislexia específica de evolução**. São Paulo: Sarvier, 1987.

SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. L. G. P. (Org.). **Distúrbios de leitura e escrita**: teoria e prática. São Paulo: Manole, 2002.

TABAQUIM, M. de L. M.; DAURUIZ, S.; PRUDENCIATTI, S. M. NIQUERITO, A.V. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 245, p. 131-146, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/368214020>.

TELES, P. Dislexia: Como identificar? Como intervir? **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 20, n. 6, p. 713–730, 2004. DOI: <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v20i6.10097> .

TONELLI, J. R. A. As capacidades de linguagem de um aluno “dislético” aprendiz de inglês. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, p. 81-99, jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226805> .

Recebido: 21/05/2025

Aceito: 18/02/2026

Received: 05/21/2025

Accepted: 02/18/2026

Recibido: 21/05/2025

Aceptado: 18/02/2026

